

A CONSTRUÇÃO E A COMPREENSÃO DA LECTOESCRITA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Adriana Helena Gonçalves da Silva, Francisca Gláucia Ramos, Maria Emília Alonso, Maria José Alacrino, Maria Angélica Gomes Maia

Universidade do Vale do Paraíba - Univap/Faculdade de Educação e Artes – Fea, Rua Tertuliano Delphin Júnior, 181, Campus Aquarius, e-mail: pedama2007@yahoo.com.br, mamaia@univap.br

Resumo - Este artigo tem como objetivo tecer considerações relativas ao processo de alfabetização de jovens e adultos, do Programa Alfalettra (Alfabetização e Letramento), do Projeto Social “Vale a Pena Viver”, da Universidade do Vale do Paraíba – Univap, de São José dos Campos. Construiu-se o embasamento teórico a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e dos pressupostos de Ferreiro e Teberosky, Freire, e Soares, dentre outros autores. Houve um trabalho de campo - realizado durante o desenvolvimento do módulo de Alfabetização e Letramento, do terceiro período do Curso de Pedagogia -, por intermédio de atividades significativas propostas aos discentes desse Programa, por meio de diversos gêneros textuais, apresentados aos discentes em diferentes portadores de textos, a fim de se identificar os níveis da escrita nos quais se encontravam os alunos pesquisados, para, dessa forma, relacionar o papel da escola como promotora da inserção do aprendiz na aquisição da lectoescrita; e, também, para estabelecer um contraponto entre os estudos teóricos, as metodologias e as práticas docentes realizadas pela escola nesse segmento educacional.

Palavras-chave: Lectoescrita, jovens e adultos, práticas docentes, metodologias

Área do Conhecimento: Ciências Humanas (Educação)

Introdução

Este artigo tem como objetivo tecer considerações relativas ao processo de alfabetização de jovens e adultos, do Programa Alfalettra (Alfabetização e Letramento), do Projeto Social “Vale a Pena Viver”, da Universidade do Vale do Paraíba – Univap, de São José dos Campos.

Construiu-se o embasamento teórico, para a realização desta pesquisa, a partir dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997), e dos pressupostos de Ferreiro e Teberosky (1999), Freire (1970), e Soares (2006), dentre outros autores que discorreram sobre o tema deste trabalho.

Metodologia

Houve uma pesquisa bibliográfica e, também, um trabalho de campo, realizado por intermédio de atividades significativas, propostas aos discentes de uma sala de aula do Programa Alfabetização e Letramento – Alfalettra, do Projeto Social “Vale a Pena Viver”, da Universidade do Vale do Paraíba - Univap, por meio de diversos gêneros textuais, apresentados aos discentes desse segmento educacional, em diferentes portadores de textos, a fim de se identificar os níveis da escrita nos quais se encontravam os alunos pesquisados, para, dessa forma, relacionar o papel da escola como promotora da inserção do aprendiz na aquisição

da lectoescrita; e, também, para estabelecer um contraponto entre os estudos teóricos, as metodologias e as práticas docentes realizadas pela escola nesse segmento educacional.

A referida sala de aula está instalada no Lions Clube de São José dos Campos, em área central dessa cidade. Nesse contexto, foram pesquisados seis alunos provenientes de famílias de classes sociais de baixa renda, e de classe média.

A esses discentes foram propostas atividades significativas por meio de diversos gêneros textuais, apresentados a eles por intermédio de diferentes portadores de textos.

Coletaram-se os dados por intermédio de registros realizados durante o desenvolvimento de atividades específicas, como, por exemplo: a grafia de seu nome e a dos demais membros do núcleo familiar a que pertence; a sua opinião sobre a importância do saber ler e escrever; dentre outras. Atividades que tinham como meta identificar o nível de alfabetização e letramento dos alunos que participavam desta pesquisa.

Resultados

A teoria de Piaget permite introduzir a escrita enquanto objeto de conhecimento, e o sujeito da aprendizagem, enquanto sujeito cognoscente. Ela também permite introduzir a noção de assimilação. Nesse ato de transformação, o sujeito interpreta o estímulo e é somente em consequência dessa interpretação que a conduta do sujeito se faz

compreensível. Isso equivale a colocar o sujeito da aprendizagem no centro do processo, e não aquele e o quê, supostamente, conduzem essa aprendizagem (o método, ou quem o veicula).

Quando perguntamos aos alunos qual a importância de se saber ler e escrever, as respostas foram as seguintes: “para andar de ônibus”; “para trabalhar”; “para ler”, “para escrever”.

Sendo assim, a partir das falas desses alunos, e considerando a construção do saber como meta à cidadania, a interações entre a comunidade escolar e a comunidade social, o trabalho voltado à alfabetização e ao letramento pode se completar.

Ademais, pensando a escola como espaço para a construção de identidade e para o desenvolvimento de projetos de vida, entender, conhecer, respeitar, e (sócio)interagir - nessa ordem - é o caminho lógico para se conceber cidadãos críticos e atuantes.

Nesta pesquisa, uma das atividades proposta aos alunos consta de uma caixa com vários portadores textuais, contendo diferentes tipos de gêneros textuais, tais como: livro, gibi, conta de luz, telefone, jornal, uma palavra solta, e, na seqüência, foi-lhes apresentado um questionário, para se identificar a fase em que cada aluno se apresentava, em relação à lectoescrita.

Durante o desenvolvimento dessa atividade, foi possível observar a postura da professora que, circulando pela classe, atendia aos chamados dos alunos, e, a cada questionamento discente, propunha uma pergunta para que o aluno refletisse e, assim, avançasse, gradativamente, em sua hipótese relativa à leitura e à escrita do seu nome, e dos demais textos que produzia.

Dentre os dados coletados, selecionou-se o nome de cada aluno como modelo de escrita; e os dados colhidos das demais respostas como significativos em relação aos aspectos afetivos discentes e à sua interação com o meio, uma vez que a autonomia do saber se estabelece por meio das experiências ocorridas no meio e na apropriação que o indivíduo faz dessas experiências.

Discussão

A partir da década de oitenta, ocorreram mudanças no cenário educacional brasileiro, em relação à construção de conhecimentos, e, especificamente, no campo da alfabetização e letramento discente. Nesse contexto, tornaram-se significativas as contribuições de Ferreiro e Teberosky (1984) - apresentadas na obra *Psicogênese da Língua Escrita*; e, posteriormente, também presentes, nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997).

Fundamentalmente, nessas transformações iniciadas na década de oitenta, todos os segmentos educacionais voltados à alfabetização, deveriam ter como foco, ou elemento principal - não mais o ensino de conteúdos, transmitidos pelo professor para serem memorizados, de forma passiva, pelos alunos. O sujeito aprendiz - o aluno e as suas hipóteses sobre a aquisição da lectoescrita - deveria ser o mote desse processo, em todos os segmentos educacionais.

Neste trabalho, são tecidas considerações especificamente sobre os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Programa Alfalettra, do Projeto Social “Vale a Pena Viver”, da Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP.

Em relação ao conceito de língua e de como aprendê-la, os PCNs (1997, p. 21) apontam que:

A língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é aprender não só com palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.

Já, em relação ao letramento, Soares (2006) aponta que uma última interferência que se pode tirar é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado à letramento).

Para essa autora (2006):

Um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado escreva (e é significativo que em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprias da língua escrita), se pede alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é de certa forma letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.

Segundo a Unesco (apud SOARES, 2006), sobre alfabetização, “é letrada a pessoa que consegue tanto ler quanto escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre a vida cotidiana”.

Piaget, Vygotsky e Wallon apontam que a linguagem é a responsável pela construção do conhecimento, e que é um instrumento fundamental nesse processo. Para esses autores, a linguagem materializa e dá forma a uma das aptidões humanas, a capacidade de representar a realidade, e que, por intermédio da linguagem se desenvolve o pensamento.

Diante dos pressupostos teóricos desses autores, é de suma importância para o educador conhecer o seu aluno, como pessoa, em sua totalidade, assim como os processos de

desenvolvimento, não só físico, mas também os psicológicos que ocorrem ao longo da formação discente.

Construir conhecimentos não é fruto de uma pedagogia, mas sim de uma atividade própria da espécie humana. A pedagogia é, antes, uma reflexão de como proceder mediante as características peculiares do ser humano, ao desenvolver-se para atingir determinadas metas.

Se quisermos indivíduos críticos, e cidadãos autônomos, o que devemos fazer para atingir esse objetivo? Que tipo de construção intelectual seria melhor para essa finalidade? Que conhecimentos os educadores devem possuir para equilibrar as relações afetivas?

São muitos os questionamentos que surgem, no contexto escolar, em relação ao desenvolvimento de um processo de ensino e aprendizagem proficiente, para a consecução de objetivos, de fato, significativos.

Sendo assim, a escola deve construir espaços para que sejam possíveis reflexões críticas em relação ao cotidiano discente, à sua cultura, e isso implica que a educação não deve estar separada da vida - e nem que seja preparação para ela; deve, sim, configurar-se como a própria vida em si. Assim, toda a análise de uma problemática na aprendizagem deve investigar a forma como aquele ser desenvolve seu processo de aprender, na relação com o objeto e com o seu semelhante.

Nos processos de aprendizagem, a constituição do ser é totalmente abarcada, toda sua história de vida está implicada na ação e reação diante de cada estímulo, na organização de cada dado. Aprende-se a aprender em relações com o mundo. Não é possível isolar um ato meramente cognitivo, uma vez que as estruturas são globais. Dessa forma, desenvolver um processo de construção de conhecimento implica a organização global do ser, com suas histórias vividas, que marcaram e significaram sua forma de desempenho.

Sendo assim, pode-se entender a aprendizagem como um processo de recriação do conhecimento, e que há processos de aprendizagem do sujeito que não dependem de processos metodológicos. O método - enquanto ação específica do meio - pode ajudar ou frear, facilitar ou dificultar, porém, não pode criar aprendizagem. A obtenção de conhecimento é um resultado da própria atividade do sujeito. Em termos práticos, isso significa que o ponto de partida de toda aprendizagem é o próprio sujeito, o seu conhecimento prévio, construído no segmento social em que se encontra inserido.

Dessa forma, a escola precisa ter como objetivo a continuidade do processo dessa aprendizagem, agora de forma sistematizada, considerando os diversos fatores que influenciam o desempenho do aluno, e não somente se ater

tão-somente a resultados obtidos por meio de avaliações, bimestralmente propostas ao corpo discente. Deve, sim, considerar a interação aluno/professor, aluno/meio, bem como as suas constantes transformações.

A educação escolar proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que norteia o ensino brasileiro, redefine o papel da escola e do professor e indica uma educação voltada à cidadania.

Assim, também, aponta Frankl (1991, p.10), ao relatar que:

Seu interesse não está em criar papagaios que reproduzem a voz do mestre, mas em passar a tocha acesa para espíritos independentes e inventivos, inovadores e criativos.

Também Freire adota essa concepção, indo contra o que denominou de “educação bancária”, que torna o aluno um alienado e nega o conhecimento como sendo um processo de procura. Para esse autor (1970), “na visão bancária da educação, o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber”.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 21):

Convém lembrar que necessário é o aprendizado formal dentro do contexto dessa sociedade letrada, mas se educar não significa nos instruir, passar conteúdos existentes no currículo escolar, dotar o aluno de conceitos e teorias, desenvolver o intelecto, a escola deverá propiciar uma educação de qualidade que garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos.

Conclusão

Ao analisarmos os alunos inseridos em uma classe de educação de jovens e adultos, verificamos a importância dos educadores, no sentido de estarem atentos às demandas e às necessidades desses educandos.

A escola, para proporcionar e possibilitar oportunidades a seu corpo discente deve ter como objetivos propor e desenvolver projetos voltados a mudanças significativas no cotidiano desses alunos, a fim de construir conhecimentos que partam da realidade desses sujeitos; e, também, demonstrar interesse por eles como cidadãos, e não somente como objetos de aprendizagem.

É desafiador um processo de ensino e aprendizagem voltado à alfabetização de jovens e adultos, e esse desafio deve se configurar ao coletivo escolar como um campo aberto a reflexões sobre a prática docente, para que, a cada etapa vivenciada, novos desafios sejam enfrentados. Dessa forma, todos aprendem com todos, e competências são instaladas, gradativamente, a cada momento desse processo.

Sendo assim, quem não teve oportunidades para vivenciar, no tempo certo, o contexto escolar, e enfrenta grandes dificuldades para assumir seu papel social, ao sentir-se parte de um projeto, por meio do qual percebe que está aprendendo de fato; com certeza, gradativamente, resgatará a sua história, que, outrora vivida, será, agora, escrita, visto que a aquisição da escrita e da leitura transforma o indivíduo e o torna pessoa capaz de compreender a o seu cotidiano, de transformá-lo, modificando, desse modo, a sua realidade e a do contexto social do qual participa.

Referências

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. – *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1984.
- FRANKL, V. E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- GALVÃO, I. *Henri Wallon – Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- PIAGET, J. e INHELDER, B. *A Psicologia da Criança*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- SOARES, Magda. *Letramento – Um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- VIGOTSKY, L. S., *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.